

PÁGINAS DA RESISTÊNCIA-5

REFORÇAR A VIGILÂNCIA, GANHAR NOVAS FORÇAS, SALVAR OS HESITANTES
E DESALOJAR OS INFILTRADOS

Presidente Samora Machel, na sessão de encerramento da reunião com os ex-presos políticos

Ao encerrar a reunião entre a Direcção da FRELIMO e os ex-presos políticos, que decorreu de 21 a 24 de Março e de 4 a 8 de Maio, o Presidente Samora Machel lançou o seguinte apelo:

«Reforcemos a nossa vigilância, saibamos continuamente ganhar novas for-

ças, salvar os hesitantes, isolar os recalcitrantes, desalojar os infiltrados, reprimir os reaccionários». A análise feita pelo dirigente máximo da Revolução moçambicana, que terminou com aquele apelo, constitui o último dos cinco textos que temos vindo a divulgar em «Páginas da Resistência».

Terminamos hoje a reunião com os ex-presos políticos.

Durante sete dias, em sessões de trabalho que se prolongaram muitas vezes por 10 horas consecutivas, a Direcção da FRELIMO esteve aqui nesta sala, com trezentos nacionalistas. Nacionalistas que têm em comum entre eles a experiência dura das prisões da PIDE, para onde foram afixados ao descobrir-se o seu engajamento na Luta de Libertação Nacional.

Nas duas etapas do nosso trabalho — de 21 a 24 de Março e de 4 a 8 de Maio, escutámos o relato dos sofrimentos, dos sacrifícios, das torturas, das humilhações, da brutalização dos nacionalistas que, de mãos nuas, na profundidade da zona ocupada pelo inimigo, lutaram pela causa da libertação da nossa Pátria do jugo colonialista.

De mãos nuas e sem grande experiência política, de mãos nuas e sem tradição de luta clandestina, estes nacionalistas ousaram enfrentar as armas, o aparelho repressivo, a propaganda e os batalhões de informadores do inimigo, para difundirem os Estatutos e Programa da FRELIMO, estabeleceram células e redes clandestinas.

O que aqui ouvimos é a história de uma das várias frentes em que se desenvolveu a luta de Libertação Nacional. História contada pelos seus protagonistas, história contada pelos sobreviventes.

O que aqui ouvimos é um testemunho fundamental da determinação heróica do nosso povo, de se libertar e tomar nas mãos o seu próprio destino.

Os trezentos moçambicanos que conosco estão nesta sala representam e sintetizam com a sua experiência o percurso de centenas de milhar de nacionalistas espalhados por todo o país e de largas dezenas de milhar de antigos prisioneiros políticos que desde o início da luta armada até à vitória final passaram

pelas prisões da Sommerschield, Jamanguana, Mabalane, Nhangau, Ibo, Ilha de Moçambique e por outros redutos da morte.

O Comité Político Permanente da FRELIMO participou activamente nesta reunião.

Moveu-nos o objectivo de tornar património comum do nosso Povo a experiência dos companheiros da Resistência e luta clandestina.

Moveu-nos a necessidade de reafirmar o carácter unitário das várias formas de resistência e de luta anti-colonial e de sublinhar dessas várias formas, as exigências comuns de militância, capacidade de sacrifício e profundo desejo de servir os interesses do Povo.

A luta armada foi o motor do processo de transformação histórica do nosso País, foi a forma suprema de resistência, de afirmação da nacionalidade, preservação da nossa cultura, o campo prisional da confrontação das forças da libertação com as forças da opressão. Mas em todas as frentes de luta foram de igual valor os sacrifícios, os heroísmos, e identicamente abjectas as deserções e as traições. Em todas as frentes foi o mesmo sangue dos melhores de entre nós que se verteu para fertilizar a vitória.

1978 é o Ano da Estruturação do Partido.

A Estruturação do Partido é o passo fundamental para o cumprimento das directivas do III Congresso e para a criação das bases ideológicas e materiais para a passagem ao socialismo.

Estruturar o Partido é organizar os militantes da causa do socialismo, dar-lhes tarefas precisas para implementar as decisões do III Congresso.

Precisamos por isso de seleccionar militantes para implantar as estruturas do Partido em todos os níveis, da escola ao quartel e à empresa, da fábrica à cooperativa, do bairro à localidade e ao círculo.

Este é um novo combate em que nos lançamos. Importa uma vez mais reagrupar as forças, reforçar a unidade no pensamento comum e, sobretudo, mobilizar quadros de militância comprovada.

Foi também este o objectivo desta reunião: conhecermos mais profundamente os militantes da clandestinidade para, de entre eles, afectarmos às novas tarefas aqueles que sob as duras condições das prisões da PIDE revelaram a sua firmeza, a sua resistência ao inimigo, a sua dedicação à causa do Povo.

A razão de ser dos nossos sacrifícios consentidos foi a nossa vontade de construir uma nova vida para o nosso Povo.

Esta nova vida só é possível com a sociedade socialista.

Foi a consciência desta realidade que determinou por parte do inimigo uma acção constante quer por via armada quer por via subversiva, com o objectivo de destruir o conteúdo revolucionário da FRELIMO.

Nesta fase, em que abertamente iniciamos a construção do socialismo, necessitamos de um processo de clarificação para seleccionarmos os militantes. Saber distinguir os que superaram todas as dificuldades daqueles que tiveram fraquezas ou traíram, é o método seguro para dotar o Partido de uma coluna vertebral sólida.

Demos provas na luta, demos prova na luta clandestina. De entre nós há aqueles que já são capazes de levar o processo revolucionário a seu termo.

Há outros que precisam de uma ajuda para se transformarem, que precisam de elevar a consciência patriótica ao nível de uma consciência socialista.

A forja actual dos quadros, o catalizador que acelera a formação da nossa consciência, encontra-se hoje na luta de classes, na batalha pela construção das bases ideológicas do socialismo.

Esta reunião, através dos debates e discussões que assistimos, revelou-nos o grau da maturidade de cada um, a preparação de cada um para a batalha em curso.

Igualmente os debates enriqueceram a nossa experiência sobre os métodos utilizados pelo inimigo para nos desagregar e subverter.

Em cada etapa há uma forma da acção determinada do inimigo:

Numa primeira fase, toda e qualquer manifestação ou sintoma de nacionalismo é reprimida feroz e violentamente (prisões em massa, repressões violentas das manifestações reivindicativas, repressão das greves de Xinavane, Estiva, Massacre de Mueda, encarceramento do Centro Associativo, etc. ...).

Numa segunda fase, por volta dos anos de 1968, a luta armada ganha um novo impacto e sofre uma transformação qualitativa. O II Congresso foi o momento em que as Forças Progressistas no seio da FRELIMO definem a estratégia correcta da Luta Armada, que se impõe à totalidade do movimento.

Em consequência, os sentimentos patrióticos desenvolveram-se, o fervor nacionalista ganha novas forças e novos adeptos, a derrota militar já se prevê, e o fim do colonialismo aparece como inevitável.

O inimigo adopta então novas táticas: não descobrindo que há um movimento irreversível para a Independência, os sectores mais esclarecidos do colonial-capitalismo e do imperialismo procuram conservar os seus privilégios e as suas posições mas agora em moldes novos, buscando captar e chamar para o seu lado a pequena burguesia nacional, patriótica, recrutando essencialmente os seus agentes e aliados de entre aquela camada social. A nova política de liberalização de Marcelo Caetano, a promoção de negros e mestiços inicia-se. São abertas algumas portas no

Estado: Administradores de Posto, na Banca, entram negros e mestiços para hospedeiras da DEJA.

O inimigo já não dá prioridade aos laços públicos e convictos do colonialismo, os quais servem apenas para as tradicionais manifestações de propaganda e de repúdio. A Igreja inicia «cursos de cristandade» para formação ideológica dos quadros nacionalistas do próximo futuro. Os conflitos são grandes entre os tradicionais ultras e os promotores da chamada política de «abertura». Os conflitos criam a ilusão de dinâmica e progresso.

É neste contexto que se situa a nova tática do inimigo: a de ganhar e recrutar elementos de evocação burguesa com credenciais patrióticas e nacionalistas, dedicados à mesma causa — à Independência nacional e ao anticomunismo.

Estes são os elementos que garantem a neutralização do carácter popular da linha da FRELIMO.

E é nesta nova estratégia que o inimigo utiliza aqueles que no seio da Luta Armada representam as novas classes exploradoras: os Lázarus, Gwenjere, os Simangos.

Paralelamente, age com as mesmas intenções entre a burguesia nacional interna nascente, que gravita em torno da luta clandestina. Igual acção de «recuperação» desencadeia no seio das prisões políticas. Com a queda do colonialismo, rapidamente a burguesia colonial promove os seus elementos de reserva. Vai tentar buscar nos prisioneiros políticos os intermediários entre uma suposta FRELIMO de dentro, a quem pretende transmitir o poder, com o apoio dos sectores esclarecidos da burguesia colonial. A força das armas, a continuação da guerra popular e o apoio do Povo provocam o desmoronamento desta grosseira manobra.

É ainda neste quadro que, após a vitória da FRELIMO, a burguesia nacionalista se lança ao assalto dos Grupos Dinamizadores, buscando febrilmente ocupar posições de relevo nas estruturas políticas, governamentais e nas empresas, para, por um lado, herdar os privilégios dos colonialistas e, por outro, manter as estruturas capitalistas.

A manobra das duas FRELIMOS surge agora em novos moldes: uma, a FRELIMO do pé descalço, esfarapada, irresponsável, ignorante dos problemas de gestão estatal e económica. Outra, a FRELIMO responsável, pequeno-burguesa, realista, ponderada, capaz de tranquilizar o capital internacional.

É assim que alguns ex-presos políticos ditos «recuperados» adoptam uma conduta idêntica, buscando ocupar determinadas posições dentro da organização da FRELIMO (Grupos Dinamizadores, Sede Provincial, etc.) e também dentro do Aparelho do Estado e na economia.

Em nome da primazia do Partido sobre o Estado, este grupo procura dividir e marginalizar a Direcção da FRELIMO, procura destrinçar os responsáveis do Partido e Estado em moderados e extremistas, competentes e incompetentes, esperando assim criar brechas na unidade monolítica da nossa Direcção.

O ITINERÁRIO DA TRAIÇÃO

Estudar-se o processo que conduziu elementos inicialmente patriotas a fazerem o jogo do colonialismo e do imperialismo permite-nos, simultaneamente, conhecer os que se mantiveram sempre firmes, resolutos, propor os métodos de reeducar os que caíram e bloquear o caminho para novas traições.

Nesta reunião prestamos homenagem aqueles que

nos momentos difíceis levantaram a bandeira da Independência da Pátria, levantaram a bandeira da FRELIMO. Eles exprimiram a determinação da luta para a libertação da Pátria no tempo em que pertenciamos a um País sem nome. Eles ganharam para sempre um mérito histórico que nunca lhes poderá ser negado. É para valorizar essa sua acção que importa aqui também identificar os fracassos e traições que surgiram entre alguns, entre uma minoria.

No início desta Reunião, em Março, situámos as causas que conduziram aos fracassos e deserções no seio de guerrilheiros e militantes clandestinos.

Depois da nossa discussão podemos ampliar a nossa análise. Falamos de fraquezas ideológicas e de consciência de classe extremamente débil.

Predominava também o conceito da vitória rápida. Vimos quem tivesse defendido a tese de que bastaria matar alguns brancos para que o colonialismo caísse em Moçambique. Existia a ingénua expectativa de uma intervenção exterior do imperialismo ou mesmo de exércitos africanos ou outros, que forçasse a capitulação do colonialismo. Havia a procura de sucessos espectaculares, particularmente nas zonas urbanas, que criassem uma repercussão conducente ao desmoroamento da dominação estrangeira. Em certos sectores até se confiava na intervenção de forças sobrenaturais, quer por via de curandeiros, quer por milagre divino.

Estas manifestações surgiram igualmente no seio dos guerrilheiros e militantes clandestinos.

A perspectiva de guerra popular prolongada, combinada com as dificuldades e sacrifícios exigidos pela luta, provocam sentimentos de frustração e desespero nos elementos politicamente fracos. Esta situação é particularmente aguda no seio dos prisioneiros políticos que se encontram privados, anos e anos, de qualquer contacto com a Direcção, de qualquer informação sobre o desenvolvimento efectivo da luta. A isto se aliam as acções sistemáticas de desinformação. A PIDE, para agravar a pressão psicológica sobre o prisioneiro, explorava as dificuldades económicas e sociais, perseguindo as famílias, recusando-lhes emprego, fazendo chantagem aos naturais sentimentos familiares de maneira a levar a família a fazer pressão sobre o preso político. A tudo isto se juntava a campanha terrorista, a tortura, o espectáculo acabrunhante da morte quotidiana de numerosos companheiros, pela fome, pela sede, pela falta de cuidados médicos elementares, o assassinato puro e simples. Mortes anónimas, crimes impunes. O sentimento de abandono. Constitui-se assim um campo fértil para as fraquezas que se transformaram em actos cobardes, e daí à deserção e traição foi um pequeno passo para alguns.

Iniciado o caminho de deserção e da delação, a PIDE, explorando os compromissos e as ambições frustradas, conduz estes elementos para o caminho da traição e do crime. O desertor guerrilheiro denuncia a base; o desertor clandestino denuncia os companheiros. Esta primeira acção divorciou-o do Povo e da FRELIMO, desarmou-o moralmente, pô-lo à mercê do inimigo.

A PIDE paga com pequenos favores: uma cela melhor, visitas, comida, um passeio ao exterior para uma festa familiar, ou a um jogo de futebol.

Engrena-se assim na dialéctica dos compromissos. As ambições frustradas vão encontrar novas perspectivas nos novos compromissos. De prisioneiro físico da PIDE, transformou-se em prisioneiro moral da PIDE, aberto a todas as chantagens e até à trição e ao crime.

O processo de «recuperação», a transformação de militantes da FRELIMO em militantes da PIDE está

desencadeado. É entre estes prisioneiros políticos ditos «recuperados» que se discute o nome que vai ter o jornal da Vergonha e de Traição. O debate já não é resistir ou capitular, o debate é saber se a traição aparecerá sob o título de «Eco», «Arouca», «A Recuperação Avançada», «O Ressurgimento».

Mas a grande maioria resiste. O núcleo da FRELIMO permanece firme a todas as degradações, torturas e vexames. A sua confiança na FRELIMO, a certeza da vitória final da causa do povo, dá-lhes força e alimenta a sua determinação. A vida destes companheiros, a sua resistência ao sofrimento, à chantagem, a todo o tipo de pressões, a própria ameaça de morte que os acompanhava em cada dia e a cada passo, constitui exemplo para todos nós. Foi preocupação da PIDE isolá-los, destruí-los. Mas foi interesse também não consagrar o heroísmo nem criar mártires. Mais que a eliminação física, importa à PIDE denegrir a FRELIMO.

Para justificar o brutal assassinato de um núcleo de resistentes na cadeia, a PIDE fomenta a versão de que esse núcleo havia criado um partido anti-FRELIMO dentro da cadeia. Para melhor camuflar este crime, ela utiliza a cumplicidade repugnante dos traidores ditos «recuperados».

Em paga das traições e dos crimes, estes elementos são libertados com missões diversas. Uns são enviados para as zonas libertadas com a tarefa de infiltração imediata na FRELIMO. Outros são mantidos nas zonas urbanas, como reserva voluntária ou involuntária para novas manobras. Sobre todos eles pesam os compromissos assumidos, sobre todos eles a PIDE dispõe de instrumentos eficazes de chantagem, instrumentos para os reactivar no momento que foi julgado propício.

Quando se desagrega o colonialismo, heróis e traidores igualmente erguem a bandeira da FRELIMO. Os traidores ligados de uma rede forte de compromissos entre eles, surgem como grupo coeso, com direcção própria. Esta coesão dá-lhes força para usurparem o nome da FRELIMO, aparecem como porta-vozes, defensores e representantes dos ex-prisioneiros políticos, distribuidores de favores e postos. Criam assim uma clientela que tende a englobar a totalidade dos ex-presos políticos a nível de todo o País.

A dinâmica do processo revolucionário força o desaparecimento da PIDE enquanto instituição, mas os seus principais responsáveis, os seus dossiers, são imediatamente recuperados pelos quadros centrais da subversão imperialista.

Assim, mesmo os traidores que tinham intenção de refazer uma nova vida, mantendo escondidos os seus crimes, continuam acorrentados ao seu passado e passíveis, por consequência, de reactivação.

É mérito desta reunião ter revelado a verdadeira face de cada um. Descobrimos os verdadeiros heróis, vivos ou mortos. Compreendemos as pequenas fraquezas e capitulações de alguns. Eles fizeram a sua auto-crítica. Eles libertaram-se do peso que os sufocava, libertaram-se sobretudo da pressão e chantagem que o inimigo podia exercer.

Detectámos também no nosso debate a face dos traidores. Eles foram desmascarados publicamente, os seus crimes foram revelados; levantámos assim as minas que o inimigo tinha plantado no caminho da nossa Revolução Socialista. Sabemos agora como e a quem confiar as tarefas. É nos quadros provados que vamos seleccionar aqueles que deverão exercer funções no aparelho do Partido, no Aparelho do Estado, no Aparelho de Direcção Económica. Muitos destes, necessitarão previamente de um processo de elevação dos conhecimentos políticos e técnicos. Outros, para fortalecimento do seu engajamento, para aquisição de uma consciência proletária de classe, precisarão de ir

aprender com a classe operária e os camponeses cooperativistas. Nas fábricas, nas empresas estatais agrícolas, nas cooperativas e, fundamentalmente, nas aldeias comunais, irão praticar directamente na luta de classes, na luta pela produção. Os criminosos e os traidores, aqueles que contraíram uma dívida de sangue, deverão prestar contas, e competirá aos Órgãos de Poder Popular, de acordo com a legalidade revolucionária, determinar as medidas adequadas.

Purificadas as nossas fileiras, encontramos-nos unidos e prontos para avançar resolutamente rumo ao socialismo.

Reforcemos a nossa vigilância, saibamos continuamente ganhar novas forças, salvar os hesitantes, isolar os recalcitrantes, desalojar os infiltrados, reprimir os reaccionários.»

(De: "Notícias", Maputo, 1978-07-19)